

# Athos Bulcão

João Filgueiras Lima

É sempre com muita emoção que me refiro ao grande artista e ao ser humano maravilhoso – meu querido amigo Athos Bulcão.

Há quarenta anos que participamos juntos de inúmeros trabalhos e nunca me canso de admirar seu gênio criador, seu impecável domínio das cores e a forma corajosa, inteligente e precisa com que interfere na arquitetura, incorporando seus trabalhos aos espaços urbanos e aos nossos edifícios, como preconizava Fernand Léger. A rigor, Athos vai muito além das propostas de Léger porque suas obras são todas tão fortemente integradas e ancoradas na própria arquitetura que seria impossível imaginá-las dissociadas de seus respectivos edifícios ou vice-versa.

Como pensar, por exemplo, o Teatro Nacional, em Brasília, projetado por Oscar Niemeyer, sem os relevos que revestem as duas empenas do edifício, ou o espaço magnífico do salão do Itamaraty, também do Oscar, sem suas treliças coloridas?

Foi o próprio Oscar Niemeyer que, numa tarde de domingo dos anos 1940, percebeu o talento de Athos ao surpreendê-lo pintando um guache no ateliê de Roberto Burle Marx. Imediatamente convocou-o para estudar as empenas do Teatro Municipal de Belo Horizonte, obra não executada. Todavia, foi somente em 1955, com a realização do painel em azulejos do Hospital Sul América do Rio de Janeiro, projeto também de Oscar, que se iniciou seu trabalho extraordinário de integração às obras de arquitetura.

A partir daí, são inúmeras suas contribuições aos projetos de Oscar. As primeiras, em Brasília, foram os azulejos da Igreja N. S. de Fátima e o painel mural do Brasília Palace Hotel. No exterior, realizou trabalhos importantes com Oscar para as oficinas gráficas Mondadori, residência Mondadori, Sede do Partido Comunista Francês, Universidade da Argélia etc.

Apesar de ser extremamente solicitado para colaborar com arquitetos, Athos sempre dedicou uma parte de seu tempo à pintura de cavalete. Depois de abandonar, no terceiro ano, por falta de vocação, o curso da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, iniciou seus estudos de pintura. Em 1941, expôs no Salão Nacional de Belas Artes – Seção de Arte Moderna, recebendo duas medalhas de prata respectivamente em desenho e pintura. Durante o ano de 1945, estagiou com Cândido Portinari, colaborando na realização do painel de São Francisco da Igreja da Pampulha, em Belo Horizonte.

É possível que se encontre, em sua pintura, alguma influência de Paul Klee, Fernand Léger ou Miró, como ele próprio reconhece, mas toda a sua produção é extremamente original e reflete sempre sua condição de autodidata.

Em nosso convívio quase que diário durante um longo período em Brasília, pude acompanhar o desenvolvimento de suas obras na fase figurativa durante as décadas de

1960 e 1970, e na das máscaras nas décadas de 1970 e 1980, todas sempre impregnadas de um forte conteúdo místico. Embora sua produção mais recente seja iminentemente abstrata, ele confessa que sente a necessidade de eventuais incursões na pintura figurativa.

No decorrer dos últimos anos, desde a década de 1990, vem trabalhando intensamente para os hospitais e prédios desenvolvidos e construídos pelo Centro de Tecnologia da Associação da Rede Sarah, instituição que hoje detém um acervo muito importante da sua produção mais recente.

Passou a residir em Brasília no início de sua construção, em 1958. Graças à sua extraordinária capacidade criativa e sua incansável dedicação ao trabalho, a cidade está impregnada, por toda parte, de suas obras. Athos Bulcão incorpora-se hoje aos mais altos referenciais culturais do nosso país.